

ANGÚSTIA E EXISTÊNCIA

(2007)

José Solon Cerqueira de Queiroz

Estudante do 5º semestre do curso de Psicologia
Faculdades Jorge Amado, Brasil

Contacto:

jhqz@uol.com.br

RESUMO

O presente artigo trata da importância da angústia na dinâmica de constituição do psiquismo humano sob as perspectivas da teoria psicanalítica de Winnicott e pela concepção defendida pela fenomenologia existencial. O método de pesquisa utilizado foi o de uma revisão bibliográfica do tema escolhido, enfatizando a argumentação teórica através de uma leitura dos conceitos de ambiente de maturação, mãe suficientemente boa, integração e não-integração em Winnicott realizando, em paralelo, uma confrontação dialética com a lógica da angústia existencial encontrada principalmente na obra de Sartre. Partimos da premissa existencialista de Sartre, invocando a construção dual do Ser e o Nada como par complementar que se associam com vista a se tornarem unidade, combinado à angústia que se desvela desde o nascimento e que será motivo de estudo por parte de Winnicott que, traz à superfície, a fundamentação da importância do ambiente suficientemente bom para conter as “angústias impensáveis” e que o bebê vai ter que atravessar para se tornar Um.

Palavras-chave: Angústia, Constituição Psíquica, Winnicott, Fenomenologia Existência, Sartre

1. INTRODUÇÃO

O Ser e o Nada. Este é um tema que tem despertado debates tanto na filosofia quanto na psicanálise. De que se trata este Nada e este Ser? Estamos falando de essências ou apenas estamos no campo da conjectura? De que somos feito?

Os primeiros filósofos estavam preocupados com a descoberta da *arkhé*, ou seja, o princípio fundamental e absoluto de tudo que existisse, uma espécie de estrutura padrão e que estaria presente antes mesmo de tudo existir governando a sua evolução: “Em outras palavras, os primeiros filósofos queriam descobrir... o princípio substancial (a *arkhé*) existente em todos os seres materiais” (Oliveira, 2006).

A julgar pelo pensamento de Parmênides de Eléia (530-460 a.c.), o primeiro filósofo a formular os princípios lógicos de identidade e da não-contradição, já podemos perceber numa passagem de sua obra a reflexão sobre o significado da temática existencial: “... o ser é, e o nada, ao contrário, nada é...” (Oliveira, 2006). Este pensamento realça de forma enfática o princípio fundamental da existência, isto é, há de se ser algo ou alguma coisa. Esta preocupação manteve-se presente nas especulações da filosofia até os nossos tempos o que pode ser demonstrado pelo interesse da Fenomenologia Existencial desenvolvida a partir de Husserl, passando por Kierkegaard, Heidegger, Sartre, Merleau-Ponty entre outros.

O objetivo deste trabalho é fundamentalmente construir uma compreensão da lógica constitutiva do ser que se apresenta como candidato a existir. É vislumbrar a aurora da existência acompanhando o seu processo de assunção e “encarnação” na vida. É seguir os passos da contradição marcante da dialética fundante do ser humano qual seja a de emergir do Ser e do Nada para o porvir da angústia de ser alguém. Para alcançarmos este objetivo, realizaremos uma tentativa de interpolação entre a psicanálise e a fenomenologia existencial.

Da parte da psicanálise, temos uma contribuição extraordinária, notadamente na figura central de Winnicott, que propõe uma releitura de Freud e Klein dando uma ênfase especial ao ambiente de maturação em que o bebê se desenvolve. Atribui, portanto, um papel fundamental à relação do bebê com o mundo externo, e, principalmente em relação à mãe (ou cuidadora). Dos seus escritos, promoveremos uma leitura metapsicológica com vistas a reunir os argumentos necessários à compreensão dos movimentos que estatuem o ser em seu desenvolvimento mental.

Da parte da fenomenologia existencialista, faremos uma abordagem que investirá na dinâmica da aparição do ser no mundo e em suas implicações imediatas. Nesta perspectiva, a imagem implicada é de como se houvesse uma espécie de encenação no palco da existência, onde não sou eu mais que falo, eu incorporo o personagem que fala por mim, ou seja, “do ponto de vista do Ser e do Nada, a abertura para o ser significa que o visito nele próprio” (Merleau-Ponty, 2005, p. 100). Neste aspecto, a idéia é de poder acompanhar o ator principal desta tragicomédia desde a coxia até o palco. Dito de outra forma é embalar o ser que nasce do encontro do Ser com o Nada de si mesmo.

O nosso maior desafio é reunir num mesmo artigo propostas aparentemente tão díspares tais como a conferida pela fenomenologia existencialista e a da psicanálise. De um lado, a filosofia

questionando o surgimento de uma consciência na perspectiva da ontologia, isto é, o ser plantado numa essência próxima de uma natureza do existente que tem como propriedade a possibilidade de vir-a-ser um entre os outros e que forma uma comunidade. De um outro lado, uma outra visão, a constituição do psiquismo winnicottiana no plano ôntico que diz respeito ao ente em si mesmo e suas singularidades.

A guisa de melhor entendimento, é importante distinguir a diferença entre os termos ontologia e ôntico presentes neste trabalho, ou seja, ontologia diz respeito a aquilo que é relativo a Si mesmo o que a difere de ôntico que extrapola o campo da singularidade do Ser e que se refere aos entes múltiplos e concretos presentes na realidade.

Ontológico, no sentido dado à palavra pela vulgarização filosófica (e aqui se mostra a confusão radical) significa aquilo que, ao contrário, deveria ser chamado de ôntico, ou seja, uma atitude tal em relação ao ente que o deixe ser em si mesmo, no que é e como é. Mas nem por isso se propôs ainda o *problema do ser*, e muito menos se atingiu aquilo que deve constituir o fundamento para a possibilidade de uma 'ontologia'. (Heidegger apud Abbagnano, 2000: p. 727):

É importante frisar, que estes planos de análise traçados pela filosofia existencialista e pela psicanálise de Winnicott, apesar de se darem em posições distintas, eles “se sobrepõem e interpenetram” (Santos, 2006).

Para capturarmos esta avizinhação, fizemos a opção de compreender a lógica da construção do Ser e do Nada pela aproximação de planos comuns que situam a fenomenologia existencial e a psicanálise tratada por Winnicott. Vasculhando a obra de autores dos dois projetos de referência, inferimos que este lugar comum é a **angústia**. É no encontro do Nada, que se reveste do caos angustiante, que o Ser vai ser catapultado à existência. É como pensar no encontro do rio com o mar e isto não se dá sem que haja um vórtice de sôfrego encontro: o Ser e o Nada. Um encontro que mais se aproxima de um desencontro, pois no fundo de que se trata é de água (salgada ou doce, mas sempre água); como no caso do bebê nascente, a rigor não estamos ainda falando de um ser, mas de um não-ser que “ainda está por ser conquistado” (Santos, 2006) na briga do Ser e seu Nada.

Seguindo este itinerário, inevitavelmente nos depararemos com muitas perguntas: Como se dá esta enlaçadura (talvez pudéssemos dizer ‘encarnação’) do sujeito candidato a Ser com o Nada e com o mundo? Que tipo de emoções precisarão ser atravessadas para que um projeto de tal evergadura possa se dar? Qual o papel do ambiente de maturação na constituição deste ser (ou será Ser, ou será Nada?). Estas questões nos remetem a um passeio pela filosofia e pela psicanálise que só estamos começando a fazer...

2. DIANTE DA ANGÚSTIA

Não há como fugir da angústia. Isto significa que não há projeto de existência em curso que não se dê sem que o ser em gestação se depare com ela. A grande questão é que a angústia estiola o sujeito e na tentativa de dar conta desta, o ser em formação só tem duas saídas: fugir ou ignorar ela. “Em resumo, fujo para ignorar, mas não posso ignorar que fujo, e a fuga da angústia não passa de um modo de tomar consciência da angústia”. (Sartre, 1997, p.89)

Isto aponta numa direção que converge para um modo de apreensão da consciência pela tentativa e fuga da angústia, ou seja, somos presos à liberdade de construir um existir. E este é um ponto de escansão no movimento de constituição do ser. Para Sartre:

...é na angústia que o homem toma consciência de sua liberdade, ou, se se prefere, a angústia é o modo de ser da liberdade como consciência de ser; é na angústia que a liberdade está em seu ser colocando-se a si mesmo em questão. (Sartre, 1997: p.72)

Partir do conceito de liberdade facilita a compreensão do itinerário existencial rumo à consciência: o caminho do ser ao não-ser, ou melhor, do Ser ao Nada. É da angústia como forma de ser da liberdade que se torna possível à essência do homem existir: “o homem não é primeiro para ser livre depois”. (Sartre, 1997, p.68). Ao contrário, é na vivência *in natura* da liberdade que projetamos a consciência num eterno interrogar-se. Ao fazer isto, deslizamos em direção ao sentido de ser algo que encorpe as sutilezas da liberdade e a brutidão da angústia. “Assim para Sartre o homem se define num fazer, não fazendo nele nada *a priori* que o constitua, mas apenas a liberdade, que o possibilita criar a si mesmo”. (Santana, 2004).

Desta forma, fica fácil subtender que em Sartre primeiro o homem é livre para depois se definir como ser e isto nos remete a uma máxima sartreana de que ‘a existência precede a essência’. Colocando em bom termo, temos primeiro que o homem é livre e é esta liberdade que o marca como sujeito para sempre inquieto, portador da angústia de existir.

Em Heidegger não é diferente: “o disparo da angústia só é possível porque o estar-aí, no fundo do seu ser, se angustia” (Heidegger, 2000 apud Santos, 2002, p.5), o que se constitui em importante significado, pois não há ser sem angústia em Heidegger também. Portanto, até para um bebê é a angústia originária que abre a possibilidade para o seu sentido de ser, isto é, o seu continuar-a-ser.

Outra questão a ser destacada neste rali existencial é o encontro desta angústia originária com o mundo, pois “só através do mundo posso sair de mim mesmo” (Merleau-Ponty, 2005, p.23). O mundo aqui não é necessariamente o mundo externo, mas aquilo que está por acontecer, em acontecimento se dando. Para ficar mais claro, no encontro deste projeto de ser com o mundo ele se depara com o tempo de existir. Este tempo que não passa, porque trata da dimensão interna da angústia, é tempo de liberdade. Aponta Sartre (1997, p.72) que “na liberdade, o ser humano é seu próprio passado (*bem como poderia ser o seu próprio devir*) sob a forma de nadificação”, ou seja, o ingresso do sujeito na nave da liberdade o faz escravo do medo do que lhe possa acontecer no devir em função do “passado” (vivido) angustiante que não passa. Se o ser humano fosse presente, já teria Sido ou Seria algo, o que imediatamente lhe destituiria do lugar a ser ocupado pela cadeira do Nada.

Há um eterno reencontro da liberdade com a angústia, já que “é na angústia que a liberdade está em seu ser colocando-se a si mesmo em questão” (Sartre, 1997, p.72). Penso que esta forma de ver a angústia a coloca como ponto evanescente, isto é, não dá para fincar ancora neste que é um lugar de terror, um lugar sem tempo, que tudo está para acontecer. O eterno fugir deste presente nadificado para o devir do ser significa empreender um caminhar partilhado pela liberdade de constituir-se em ser ou nada, ou seja, *existir apenas por si mesmo* ao se colocar em questão. É necessário, portanto, que o ser se deixe invadir pelo paradoxo imposto pela angústia de ter medo de si, deste que habita o inferno da e na angústia, para sair do atrelamento do nada que aliena um não existir para dentro de si: é do exercício da liberdade presente na sombra da angústia que o ser extrairá o sumo de seu devir rumo a si-mesmo e rumo ao outro do mundo exterior.

Resumidamente, Sartre (1997) propõe uma distensão de referência (a referência é o encontro, desencontro do Ser e o Nada), onde o ser se entrega à volúpia de fugir para se encontrar com a angústia na arrebentação das ondas do Nada. O que nos resta, então, é ceder à tentação sedutora da Esfinge no portal da cidade de Tebas, para ter direito a ventura de ter um trono, respondendo-lhe à questão devoradora de verdadeiros Édipos que querem saber de si: *é do homem que se trata sim*; esta é a resposta (certa?!). Não há tempo ou espaço para tergiversar ou então acedo à pergunta e logo depois respondo com precisão: *é o homem*. Venci a angústia... ganhei um trono... mal sabe este homem (Ser ou Nada?) o que o espera logo em seguida: a cegueira lancinante da moral arrasada. Por onde andou deixou rastros, pegadas, lições, dúvidas, angústias...

3. O DESENVOLVIMENTO HUMANO NO ENCONTRO-DESENCONTRO DO SER E O NADA COM A ANGÚSTIA E COM O MUNDO

Como pensar a união, o encontro-desencontro do Ser e o Nada? Olhando num primeiro tempo através da janela deste primeiro encontro, há uma disjunção, uma espécie de fundura que separa o Ser e o Nada. Só posso me decidir em ter um projeto de ser no futuro porque há uma linha que me distende do presente até este futuro, ainda que chegando lá eu seja apenas nadificação;

O que separa o anterior do posterior é precisamente nada... Todo processo psíquico de nadificação implica, portanto, uma ruptura entre o passado psíquico imediato e o presente. Ruptura que é precisamente o nada. (Sartre, 1997: p.70)

Na lógica sartreana, não há ser no futuro se não há ser no presente a que se interroge. Há uma distância a ser percorrida entre o que sou no presente e o que me tornarei depois, contudo nesta fissura que separa o presente do futuro há o nada e a angústia do terror lhe sobrevoando de uma dúvida que persiste em me tornar um não-ser. Por isto, “sou levado ao futuro através do meu horror, que se nadifica, na medida em que constituí o devir como possível. Chamamos precisamente de angústia a consciência de ser seu próprio devir à maneira de não sê-lo” (Sartre, 1997, p.75-76). E ainda com Sartre (1997, p.76): “a conduta decisiva emanará de um eu que ainda não sou. Assim, o eu que sou depende em si mesmo do eu que ainda não sou, na medida exata em que o eu que ainda não sou independe do eu que sou”.

No pensamento de Sartre aparece uma tentativa de definir o homem pela abertura, pelo buraco do nada que avança livre na direção e no tempo de se tornar uma interrogação. Só existe o Nada porque existe o Ser e aí já estou num segundo tempo. Se me pergunto pela possibilidade de um Ser é porque há de ter o seu oposto (diferente de ser contrário, apenas é o seu negativo) o Nada. O que surge deste pensamento é que só existo porque posso me interrogar (por estar em angústia) numa possibilidade de resposta negativa, ou seja, é na interrogação do Ser que surge o Nada como uma espécie de contraponto que permita à questão ser posta como uma pergunta a ser respondida. A propósito, é necessário criar um plano de reflexão sobre si-mesmo para se chegar ao nada e ao ser. Dito por Sartre e citado por Santana (2004, p.06), “o homem é o ser o qual o nada vem ao mundo” e, o mais importante para a compreensão de nossas questões, “o ser é primeiro e depois é negado”.

Há no ser um nada que pertence a si mesmo e de onde deve se partir (o que não significa que há um “começo” presentificado pela ontologia, mas ao contrário, há uma espécie de coágulo ôntico materializado e temporalizado) para inventá-lo, espécie de argamassa que cola o ser em seus fragmentos de aparência. Dito de outra forma, “...o ser pelo qual o Nada vem ao mundo deve ser seu próprio Nada” (Sartre, 1997, p.65) o que sugere que é do negativo da nadificação que o ser se constitui.

Esta opção da genealogia do Ser, oriunda da dialética entre o Ser e o Nada em Sartre e da liberdade de percorrer a angústia que persiste em se ver instalada, nos leva a conjecturar com Merleau-Ponty (2005) um outro aspecto da constituição do humano:

O que é primeiro não é o ser pleno e positivo sobre o fundo do nada, é um campo de aparências em que uma delas, tomadas à parte, talvez, se estilhaça ou seja riscada a seguir (*é o papel do nada*), mas de que somente sei que será substituída por outra, a verdade da primeira, porque há mundo, porque há alguma coisa, que, para ser, não precisam, antes, anular o nada. (Merleau-Ponty, 2005, p.90)

O que autor propõe aqui é que não devemos dar relevo à planície. Há necessidade de existir um mundo de aparências que sustente a raiz do ser entranhada na construção do nada para ser algo neste mundo, e, o conjunto deste ser, pressupõe um leito onde possa fundar o nada, o ser e o seu devir. Quando Merleau-Ponty fala deste mundo de aparências, estamos falando do relevo ôntico que se insurge na alma a cada momento de uma nova revelação diferencial entre o ser e o nada, uma espécie de *coágulo existencial* que habita o mundo das percepções do infante. “Destá forma, a essência de um fenómeno não é algo embutido no seio desse fenómeno, como uma realidade oculta, mas ela é manifestação de sucessivas aparições” (Santana, 2004, p.3).

Nesta lógica essencial em que emerge uma transfenomenologia pelo aporte da aparência e presença do outro e suas implicações, Sartre (1997) vai definir o ser em três dimensões existenciais: “o ser Em-si (mundo dos objetos); o ser Para-si (realidade humana) e o ser-Para-outro (que diz respeito às relações humanas)” (Santana, 2004, p.4).

O ser Em-si é o ser fechado em si mesmo como pura negatividade,

...no sentido de não acrescentar nada ao Em-si... o que resulta na designação do objeto como aquilo que não é a consciência significando que a relação originária de abertura (há um ser) é definida sempre como negatividade. (Santana, 2004: p.4)

Diante do Em-si temos o Para-si, que para Sartre trata-se da consciência pura, ou seja,

...um Em-si que porventura decaiu em processo de nadificação, que rumou ao Para-si. Contudo, esta nadificação é a própria interrogação de si sobre si, que resulta que a descompressão de ser Em-si ao Para-si é dado pelo ato de interrogação do Em-si diante de si próprio. Esse desgarramento do ser em relação a si, esta separação é proporcionada pelo nada. (Santana, 2004: p.4)

Fechando com chave de ouro, Sartre citado por Santana (2004),

destaca que o para si é sempre fuga do Em-si, até que este o vença, fazendo que o torne um Em-si, deixando de existir como Para-si...o presente é um buraco do ser (nada) o que faz do presente uma fuga constante da ameaça de ser à maneira do Em-si, até que este vença concretizando num Passado o Para-si. (Santana, 2004: p.11)

Sendo assim, mais uma vez nos deparamos com a angústia de se tornar Um no roteiro do Em-si que avança para o seu futuro.

Seguindo este rumo do Em-si ao Para-si e ao ser-Para-outro, vamos dar um salto.

Encontramos um novo caminho, o caminho de certa materialidade, um atalho complementar e necessário para aparição e juntura do Ser e o Nada que é exatamente o mundo da carne, o mundo do outro. Este pensamento se junta ao de Sartre e nos oferece o que nos faltava, isto é, a realidade soprada pelo vento que vem do outro (uma aparência de ser) e que diminui a angústia deste desamparado que é o bebê e que ainda não se tornou ser.

É Merleau-Ponty (2005) quem nos ajuda a pensar neste encontro:

O outro é uma forma empírica de atolamento no Ser... por certo, esta análise tem sua verdade: na plena medida em que é verdade que não sou nada, o outro só assim pode parecer-me...em vez de rivalizar com a espessura do mundo, a de meu corpo é, ao contrário, o único meio que possuo para chegar ao âmago das coisas, fazendo-me mundo e fazendo-as carne. (Merleau-Ponty, 2005: p.76)

O que apreendemos deste estado de coisas é que *o ser e sua consciência do nada se constroem no fazer-se da experiência num esfregar desta carne com as sensações advindas do mundo exterior e de si mesmo* e, neste particular, o corpo só é corpo porque pode ser amparado por um outro (*holding – conceito presente na obra de Winnicott*).

4. A constituição do psiquismo em Winnicott

Para fazer frente à fragilidade do bebê nos seus primeiros meses, e, principalmente, nos seus primeiros dias de existência, é preciso inventar um lugar aconchegante em que, a angústia de se tornar alguém, possa ser concernida sem movimentos bruscos. Para tanto, vamos tomar emprestados alguns conceitos básicos de Winnicott, tais como a seguir:

Ambiente de maturação

No tocante à percepção de como se estrutura a organização psíquica do bebê, Winnicott dá uma contribuição extraordinária à psicanálise. Não estamos propriamente falando do ineditismo de uma nova teoria psicanalítica, mas destacamos que o que é novo nesta psicanálise não é a idéia da

importância da mãe e do cuidado para com o bebê, mas a perspectiva de desenvolvimento emocional proposta por Winnicott onde

ênfata que no princípio o bebê não constitui uma unidade em si mesmo. A unidade corresponde a uma organização entre o indivíduo e o meio ambiente... Portanto, a psique só pode ter origem dentro de um determinado *enquadre*, dentro do qual a criança pode gradualmente vir a criar um meio ambiente pessoal. (Santos, 1999)

Nesta perspectiva, *o ambiente de maturação* em que vai se dar a estruturação de toda organização psíquica é fundamental para o bebê. Há, portanto, uma ênfase no ambiente e em como se porta a díade mãe-bebê no percurso da construção de um psiquismo.

Para Winnicott, portanto o ambiente está relacionado ao desenvolvimento emocional do bebê e de como isto se deu. Se para Winnicott “o bebê não existe” (Abram, 2000, p. 26), podemos também dizer que não há ambiente se não há mãe (ambiente cuidador), pois o grau de dependência do bebê é tal que ele só pode se manter como possibilidade de se tornar indivíduo se há alguém que se preocupe com ele. No entanto, Abram (2000) nos chama a atenção de que o ambiente sozinho não é tudo, ou seja,

o ambiente não poder ser totalmente responsabilizado pelo que sucede ao bebê em termos de sua saúde mental; ele pode tão-somente fornecer um espectro da experiência a ser considerada: tanto pode ser facilitador quanto danoso. (Abram, 2000: p. 25)

De outra forma, podemos dizer que o “ambiente favorável torna possível o progresso continuado dos processos de maturação. Mas o ambiente não faz a criança, na melhor das hipóteses, possibilita à criança concretizar seu potencial” (Winnicott, 1983, p.81). O importante a destacar neste momento, é que, essencialmente, *no início do desenvolvimento*, “**a mãe sozinha é o ambiente favorável**” (Winnicott, 1983, p.81) o que traz à luz uma questão central: haverá uma relação especial entre mãe e bebê que ultrapasse as linhas demarcadas pelo biológico que possa dar conta da natureza dos vínculos primários entre ambos? Isto é o que vamos ver adiante com o conceito de preocupação materna primária.

A mãe suficientemente boa

Antes de falarmos propriamente da mãe suficientemente boa é necessário tomar consciência do conceito de preocupação materna primária. Este é um conceito novo na psicanálise, que foi criado por Winnicott (2000); trata-se de certo estado de retraimento, uma espécie de dissociação, uma fuga ou ainda um distúrbio que se assemelha a um estado esquizóide. É quase uma *doença*, ou

seja, uma espécie de devotamento, uma *doença normal* “que lhes possibilitaria adaptação sensível e delicada às necessidades do bebê já nos primeiros momentos” (Winnicott, 2000, p. 401). Este estado é que aproxima a mãe de seu bebê, pois ela também já viveu esta experiência o que conta muito. Isto que Winnicott chama de uma espécie de *doença normal* é um estado necessário para que a mãe possa entrar em contato com seu bebê, e desta forma, fundir-se com ele. Deste ‘acasalamento’ surge a díade mãe-bebê. A mãe neste estado é um lócus de existir-para-outrem, isto é, um e outro funcionam como conjunto, como unidade ontológica e ôntica.

Junto a este conceito de preocupação materna primária surge a necessidade de que o ambiente forjado na parceria mãe-bebê seja de uma natureza *suficientemente boa*. Para que tudo isto ocorra, a mãe deve fornecer

um *setting* para que a constituição do bebê possa aparecer, as tendências do desenvolvimento se revelem e para que o bebê experimente movimentos espontâneos, dominando as sensações apropriadas a essa fase precoce da vida... (Abram, 2000, p: 185).

É uma fase muito delicada e que necessita de uma adaptação ótima para que o processo se dê sem grandes variâncias. Vale lembrar, que a dedicação materna proposta por Winnicott é de natureza física e psicológica.

Naturalmente que não há mãe que não falhe e isto é saudável a depender do grau e das condições em que esta falha se dê. Contudo, se estas falhas maternas decorrentes do manejo do bebê estabelecem as condições propícias para instalação de um ambiente não suficientemente bom pode redundar num excesso de reações que levam a uma *ameaça de aniquilação*.

Para o estabelecimento das bases do ego é *um suficiente continuar a ser* que será necessário existir para reproduzir uma relacionabilidade saudável entre mãe e bebê. De certa forma, a constituição inicial do ego deste bebê deriva das experiências de recuperação diante das ameaças de aniquilação não efetivadas, ou seja, de sua capacidade de suportar frustrações, do fornecimento de um ambiente suficientemente bom na fase primitiva que possibilite ao bebê certo domínio dos instintos e a poder defrontar-se com todas as dificuldades inerentes à própria vida.

É importantíssimo ter em mente que a mãe deve ter uma boa habilidade para dirigir e controlar a aplicação desta falha. Se de um lado a falha é experimentada como um processo natural de desadaptação da mãe de seu bebê, isto é sentido como afastamento necessário para que este bebê possa se desvencilhar da fusão constituindo-se como unidade (esta falha é grafada com “f” minúsculo). Se o contrário se dá, esta Falha (grafada com “F” maiúsculo) é vivida pelo bebê como uma intrusão e aí tem-se o surgimento de uma angústia traumática nomeada por Winnicott (1983, p.47) de angústia impensável. O fundamental desta história toda é que a mãe possa falhar com “f” minúsculo para que seu bebê se volte para sua auto-realização.

Aqui temos um ponto de tangenciamento e de encontro essencial para a constituição do psiquismo infantil. É o choque do plano de realidade experimentado pela mãe real e todas as suas limitações, concomitantemente se fazendo acontecer no falhar adequadamente para dar rumo ao mundo ilusório e de solidão do bebê. Dito de uma forma quase poética é assim:

A mãe suficientemente boa como função materna, que responde à onipotência do bebê e de certo modo lhe dá sentido, como diz Winnicott (1971/1975c) em *O brincar e a realidade*, tem também uma função simbólica, à medida que outorga sentidos imaginários e, *simultaneamente, tem de se fazer falhante na sua capacidade de dar resposta (grifo nosso)*, embora deva introduzir a falha de modo gradual. É necessário que ela suporte profundamente e sustente por um bom tempo – o tempo *suficiente* – o gesto através do qual o desejo da criança tenta se escrever com o corpo (Santos, 1999).

Esta possibilidade de falha da mãe abre campo para a interferência direta da angústia na constituição do psiquismo do bebê. Como estamos falando de um estágio muito inicial do bebê, estas angústias foram adequadamente denominadas por Winnicott de *angústias impensáveis*. Um ambiente não suficientemente bom pode propiciar a inexistência de um eu que não consegue nascer: “quando não há caos surge um eu falso que esconde o eu verdadeiro, que se submete às exigências, que reage aos estímulos e que se livra das experiências instintivas tendo-as, mas que está apenas ganhando tempo” (Winnicott, 2000, p.404), talvez para que possa brotar um eu esperado, mas não consolidado, por não ter tido a chance de recuperar-se das intrusões de que foi vítima.

Para corroborar com estas afirmações, Winnicott (1990) vai sustentar que no estágio inicial o bebê é um amontoado de pedaços que se desmancha se não houver alguém que o mantenha inteiro. Quem vai ocupar este lugar estratégico é a mãe que será uma peça indiscutivelmente fundamental na preservação, manutenção e estimulação do bebê. A mãe “funciona como uma espécie de membrana protetora que viabiliza o isolamento primário, fundamental para que se articule um espaço psíquico” (Santos, 1999). E é neste estágio mais arcaico do bebê que se dá o começo teórico que “existe o estado de não-integração, uma ausência de globalidade tanto no espaço quanto no tempo. Neste estágio não há consciência”. (Winnicott, 1990, p.136).

Conquistando a integração psíquica

Para Winnicott, a integração se constitui na principal tendência do processo de maturação do bebê. A integração está atrelada diretamente à “função ambiental de *holding*. O objetivo da integração é a unidade” (Abram, 2000, p.122). Posto desta forma, podemos afirmar que o percurso a ser seguido para constituição do psiquismo está enodado na conjunção entre esta tendência

herdada da maturação e da integração frente à configuração ambiental disponibilizada pelo mundo (a mãe inicialmente).

A não-integração não é o oposto, mas um estado de não-ser em que o bebê é dependente totalmente da mãe para existir. É um estado mítico de plena “paz” fruto da operação de uma *mãe suficientemente boa*. Contrapondo-se a esta perspectiva mítica, naturalmente que o encontro com a realidade vai ter um impacto considerável, ou seja, por mais habilidosa que seja esta mãe ela vai falhar. E esta falha vai atingir o bebê em cheio que, fugindo da angústia, permite que pelo menos parte dele apareça, saindo de sua cápsula autística de proteção. *Este sair do Em-si sartreano é que vai consolidar o caminho de construção da estrutura do psiquismo nascente até desembocar no Para-si e no ser-Para-outro.*

A rigor, nesta fase arcaica do desenvolvimento do infante (não-integração) não podemos falar em indivíduo, pois se trata de um conjunto fusionado mãe-bebê. Desta forma não podemos pensar numa instância propriamente dita do Ego e muito menos numa discriminação de uma realidade de um não-ego. Se é que podemos pensar numa lógica, devemos partir da fenomenologia existencial que funda o sujeito num intermitente recurso ao nada, ao não-ser. Estamos apoiados numa construção filosófica da existência e da consciência.

Um outro fator que será importante na configuração do ambiente suficientemente bom que redundará num psiquismo considerado normal é a criação de um espaço de ilusão. É criada uma espécie de refúgio psíquico construído na relação mãe-bebê e que tem como finalidade precípua dar conta dos pavores presentes na angústia de aniquilamento. Este espaço de solidão, também denominado por Winnicott de campo transicional, “é o precursor do continente psíquico que abrigaria os elementos oníricos” (Santos, 1999). Esta incapacidade de simbolizar os objetos leva o futuro sujeito a viver numa redoma de concretude no mundo em que é vivido como asfixiante. É este estado que alimentam os pensamentos loucos (angústias impensáveis) tão presentes na fase de não-integração.

Angústias Impensáveis: uma defesa ou um recuo estratégico

Devido às falhas inevitáveis da mãe no cuidado com seu bebê, três tipos de ansiedades podem ocorrer segundo Winnicott:

não-integração, que se transforma num sentimento de desintegração; ausência de relacionamento entre a psique e o soma, que resultará num sentimento de despersonalização; e a sensação de que o centro de gravidade da consciência foi transladado do cerne para a casca, do indivíduo para o cuidado. (Winnicott, 2000: p.165)

Ao nascer o bebê produz uma crescente demanda instintiva principalmente por comida. Esta tensão é que o faz ir de encontro ao seio da mãe. A mãe por sua vez deve fazer-se para ser

encontrada por este bebê e é nesta experiência total que Winnicott vai localizar a chamada primeira mamada teórica que poderá vir a ser a primeira mamada real. Ocorre que, se esta primeira mamada acontece de modo satisfatório, o bebê vai desejar repetir e ter acesso a este objeto criando a partir deste evento um protótipo do objeto faltante, para sempre perdido e prazeroso, proposto por Freud (1996, p. 250): “...é fato notório que as pessoas nunca abandonam de bom grado uma posição libidinal, nem mesmo, na realidade, quando um substituto já se lhes acena”.

A propósito, podemos afirmar que é a partir e na segunda mamada que o bebê vai poder confirmar ou não se ele encontrou o ‘objeto’ desejado. O encontro com este objeto sempre se dará como uma confrontação onde será sempre de natureza parcial a satisfação, pois o padrão alcançado na primeira experiência jamais será repetido. E é nesta estação de transbordo da insatisfação que se dá a criação de um espaço de criatividade e de solidão essencial em que se dá o ‘gozo possível’ em um estado de “paz” presente na fase de não-integração. O problema é que toda mãe falha em alguma medida e este fato vai testemunhar o surgimento de angústias impensáveis que alimentam o terror do bebê que se sente como a despencar de seu lugar mítico; terá que pegar carona no primeiro trem que passar na estação para fugir ao pavor de enfrentar este projeto de não-ser que habita o paraíso nirvânico da paz.

As angústias impensáveis se definem pela inexistência de relações pulsionais de objeto (a rigor, relações com objetos parciais indeterminados), ou seja, estamos nos referindo a uma experiência no estágio de não-integração em que o vivido é um

momento pré-verbal, pré-psíquico e pré-representacional, anterior ao início de qualquer capacidade relacionada a mecanismos mentais e muito anterior ao reconhecimento de impulsos instintuais como fazendo parte do si-mesmo e tendo um significado”. (Loparic, Z. 1996 apud Santos, 2002: p. 1).

O grande problema aqui é que as angústias impensáveis estão localizadas nos estágios mais arcaicos do processo de desenvolvimento humano o que leva a fundação de traumas e conseqüentemente a quebra da continuidade na existência de um indivíduo. Ao que parece estas angústias impensáveis são de natureza lancinantes o que atinge em cheio o ser que luta por continuar-a-ser. Naturalmente que não será possível chegar ao estado de integração sem vivenciar estas angústias no plano da humanidade:

Quando o padrão do ambiente é traumático, esclarece Elsa O. Dias (1988), ocorre uma interrupção do processo de amadurecimento. As angústias impensáveis quebram a incipiente integração, isto é, a incipiente experiência de um si-mesmo, de qualquer grau ou tipo, mas anterior à constituição de um eu, que existe por ocasião do fracasso ambiental. (Santos, 2002: p. 1).

Esta incipiente integração pode não ser suficiente para o bebê se sustentar por si-mesmo o que pode vir a ocasionar a formação de defesas nomeadas como experiência de desintegração. Sendo

assim, temos que o “trauma é constituído por uma reação automática do bebê à intrusão ambiental. Essa intrusão é traumática porque obriga o bebê a reagir ao invés de continuar-a-ser” (Santos, 2002, p.1). Isto significa que o bebê terá que se ausentar de seu estado de solidão inicial, o estado de não-integração para não sucumbir à força da angústia.

Isto posto, se há uma falha no ambiente, o bebê terá de reagir por instalar a presença de uma ameaça de aniquilamento. No início, o bebê só está preocupado com o seu continuar-a-ser e isto só é possível num ambiente devidamente construído e sustentado. Se sua mãe falha além de sua capacidade de suportar, inaugura-se as chamadas angústias impensáveis, que são

...caracterizadas pelo medo de um retorno a um estado de não-integração, o medo de cair para sempre, o medo da desintegração, da perda da conexão com o corpo, da perda de orientação e da perda da capacidade de relacionar-se com objetos. (Santos, 2002: p.2)

Sendo esta uma experiência emocional grave, decorre daí a tentativa de criação de um falso self de forma que consiga adaptar-se a esta sensação de aniquilamento. No dizer de Winnicott (2000), é nesta experiência que o bebê vai se deslocar do seu cerne para a casca, uma espécie de membrana de proteção.

Não podemos falar do bebê nesta fase de não-integração sem incluir a presença fusionada da mãe. Se houve alguma falha ou progresso, esta deve ser atribuída ao conjunto, pois a “unidade não é o indivíduo, a unidade é o contexto ambiente-indivíduo” (Winnicott, 2000, p. 166). Pelo lado do progresso da constituição do psiquismo, temos que o bebê evolui da casca para o cerne gradativamente, deslocando o centro de gravidade para o Eu em formação para que daí possa encontrar a saída do Em-si para o Para-si e para o ser-Para-outro. No sentido da desintegração ou da despersonalização (construção do falso self) o bebê regride e por isto se torna extremamente sofrível viver esta experiência, isto é,

Existe uma situação em que o medo é da loucura, ou seja, um medo à *ausência de ansiedade na regressão* ao estado não-integrado, ou à falta do sentimento de viver dentro do corpo, etc. O medo, portanto, é de que não haja ansiedade, o que implicaria numa regressão da qual talvez não haja volta. (Winnicott, 2000: p 167).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda citando Santos (2002), ele se vale de considerações sobre a angústia na fenomenologia existencial de Heidegger para fazer contraponto a um plano que emerge, diferentemente da

psicanálise onde este é marcado pelo seu caráter acima de tudo desiderativo. O que aproxima a fenomenologia da psicanálise é que ambas caracterizam a angústia pelo fato de que a mesma é evanescente, isto é, aparece e desaparece em todo lugar, vem de “todas as direções e de direção nenhuma. Em ambas está em jogo o sentido de ser” (Santos, 2002, p. 5).

Em Winnicott, a angústia está ligada à relação fusionada mãe-bebê e a possibilidade da ocorrência de uma falha que se abre como aniquilamento. Na fenomenologia existencial, o plano de interpretação abarca uma perspectiva ontológica onde a angústia é “possibilitadora da compreensão do sentido de ser, ou seja, ela abre para o ente o modo mais originário de existir durante sua existência” (Santos, 2002, p. 5). Já na psicanálise winnicottiana, o plano derivativo da interpretação está emparedado com a angústia de começar a existir, isto é, para se tornar um ser precisa se desvencilhar, pelo menos em parte, das angústias impensáveis e isto se dá movido pelo **desejo** instalado na liberdade de ser.

A análise do pressuposto de Heidegger de que a angústia está desde sempre presente no ser-no-mundo nos faz aproximá-lo da idéia de Winnicott das chamadas angústias impensáveis:

Pois, assim como a angústia originária, a angústia impensável abre para o ser que está surgindo a questão do seu sentido de ser, ou seja, o continuar-a-ser em direção a uma unidade integral, ou o fragmentar-se, ou pior, aniquilar-se, permanecendo sempre como um não-ser. (Santos, 2002: p. 6)

Esta compreensão, disposta pela dialética interacionista dos pensamentos de Heidegger e Winnicott, nos permite pensar que só vai poder existir a angústia da castração, conceito fundamental de Freud (1926) para marcar a entrada do sujeito no mundo da lei e do sujeito simbólico e do desejo, quando já foi possível se colocar para o homem a questão do sentido do ser. Daí depreende-se que a angústia de castração é tributária da angústia impensável mais primordial. “Esta, por sua vez, remete-nos à angústia originária e fundamental do estar-aí que lhe abre como ser-no-mundo a sua possibilidade da impossibilidade de não mais estar-aí, ou seja, a morte, o não-ser” (Santos, 2002, p.6). Quando estamos falando, portanto de angústia originária, estamos falando da ante-sala da angústia impensável.

Diante dos estudos organizados e das reflexões postas até aqui neste artigo, concluímos que o ser é um estado em permanente construção e esta é tributária da angústia e das investidas da liberdade de inventar um sujeito fruto da união sem fronteiras entre mãe e bebê. Nascemos e vivemos em angústia e a grande questão é poder encontrar um estado ótimo de adaptação de forma que possamos gozar tantas quantas vezes for possível no ‘seio’ do meu desejo sem que me coloque frente à ameaça de aniquilamento da existência. Repetir a mamada, encontrar o ser no Nada e o nada no Ser, esta é uma vitória que todo sujeito deseja alcançar.

Gostaríamos de enfatizar o quanto foi importante tentar constituir um saber conjunto entre a psicanálise e a fenomenologia existencial. Uma interface possível, mas como em toda transdisciplinaridade, nada fácil de ser conquistado. Contudo, só através da dialética permanente é possível, pelo menos no estágio atual de nosso conhecimento, tocar o segredos que estão guardados da história de cada sujeito e que interferem no seu jeito particular de ser. Tocar, pois a vida não é um simples enigma posto para ser interpretado, mas uma angústia libertadora que nos invade, inexoravelmente, para rasgar da semente um ser que possa já estar aí pronto para o devir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Ed. Martins Fontes – São Paulo – SP, 2003.

ABRAM, Jan. **A linguagem de Winnicott dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald E. Winnicott**. Ed. Revinter – Rio de Janeiro - RJ, 2000.

FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. In Luto e Melancolia Vol. XIV**. Ed. Imago, Rio de Janeiro - RJ, 1996.

FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. In Inibições, Sintomas e Angústias Vol. XX**. Ed. Imago, Rio de Janeiro - RJ, 1996.

GROLNICK, Simon. **Winnicott o trabalho e o brinquedo uma leitura introdutória** - Ed. Artes Médicas, Porto Alegre – RS, 1993.

JÚNIOR, Carlos Augusto Peixoto. **Do narcisismo ao amor primário: Balint e a gênese dos processos de subjetivação**. Publicação do Centro de Estudos e Pesquisa em Psicanálise da Universidade São Marcos (Revista de Psicanálise Psychê, Ano VII, Nº 1), São Paulo - SP, 2002.

OLIVEIRA, Cristina G. Machado. Pré-socráticos. Site Filosofia Virtual. Disponível na internet: <http://www.filosofiavirtual.pro.br/presocraticos.htm>. Capturado em 22 de maio de 2006; 09:56:21. Online.

PALHARES, Maria do Carmo Andrade; LIMA, Regina Celi Bastos Lima. **Ser o não-ser: eis a questão**. Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial, Rio de Janeiro, RJ, 2003.

PONTY-MERLEAU, Maurice. **O visível e o invisível**. In O visível e a natureza. São Paulo, SP: Editora Perspectiva, 2005.

SANTANA, Marcos Ribeiro. **(O) Nada como Princípio Metafísico na Constituição da Consciência em Sartre**. Revista Urutágua – Revista Acadêmica Multidisciplinar – Centro de Estudos sobre a Intolerância – Maurício Trangtenberg – Universidade Estadual de Maringá (CESIN-MT/DCS/UEM). nº 06 abr/mai/jun/jul – Maringá- PR, 2004.

SANTOS, Manoel Antônio dos. A constituição do mundo psíquico na concepção winnicottiana: uma contribuição à clínica das psicoses. *Psicologia Reflexão. Crítica..* [online]. 1999, vol.12, nº.3 [citado 01 Junho 2006], p.00-00. Disponível na internet: <http://test.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721999000300005&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0102-7972.

SANTOS, Eder Soares. **Angústias Impensáveis: mudanças na psicanálise tradicional.** Tese de doutorando em Filosofia apresentada no X Encontro Nacional de Filosofia – ANPOF, São Paulo - SP – (IFCH/UNICAMP), 2002.

SANTOS, Eder Soares. **O conceito de angústia no pensamento metafísico.** Curitiba – PR, Revista de Filosofia, v. 17, n.20, p. 45-66, jan./jun. 2005.

SANTOS, Eder Soares. O “conceito de nada” na fenomenologia existencial de Heidegger e na Psicanálise. Site Psicanálise e Filosofia. Disponível na internet: <http://www.psicanaliseefilosofia.com.br/textos/o%20conceito%20de%20nada.pdf>. Capturado em 22 de maio de 2006. 11:13:22. Online.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada ensaio de ontologia fenomenológica.** *In Origem do nada.* Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1997.

WINNICOTT, D.W. **O Brincar e a Realidade.** Ed. Imago – Rio de Janeiro – RJ, 1975.

WINNICOTT, D.W. **O Ambiente e os Processos de Maturação estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional.** Ed. Artmed – Porto Alegre – RS, 1983.

WINNICOTT, D.W. **Natureza Humana.** Ed. Imago – Rio de Janeiro - RJ, 1990.

WINNICOTT, D.W. **Da pediatria à psicanálise.** *Ed. Imago - Rio de Janeiro - RJ, 2000.*

ZIMERMAN, David E. **Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise.** Ed. Artmed – Porto Alegre – RS, 2001.